Seven sleepers of Ephesus

Historia dos sete dormentes

[S.1.]

[17--?]

Reel: 46 Title: 6

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00046.06

Control Number: ABI-9130
OCLC Number : 07548151
Call Number : W 381.5698 P838 no. 1
Author : Seven sleepers of Ephesus.
Title : Historia dos sete dormentes, que por permissaõ divina dormiraõ duzentos annos, e no fim delles acordaraõ, e viveraõ algum tempo, e depois foraõ gozar da Bemaventurança.
Imprint : [S.l. : s.n., 17--?]
Format : 8 p. ; 20 cm.
Note : Caption title.
Note : Title vignette.
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9-28-94
Camera Operator: CS



HISTORIA DOS SETE DORMENTES,

Que por permissaõ divina dormiraõ duzentos annos, e no fim delles acordaraõ, e viveraõ algum tempo, e depois foraõ gozar da Bemaventurança.

Festejaõse a 27. de Julho. (*Eccles.* 24.)

OLharei a todos os que dormem (diz Deos no Ecclesiastico.) Muitas maneiras ha de dormir. Adormecidos se chamaõ os mortes; porque assim como o que está dormindo, dandolhe huma voz rija, acorda, assim os mortos haõ de acordar á voz da trombeta, que soará o dia do juizo, resuscitando em seus mesmos corpos. Chamaõse adorme-

cidos, os que estaõ em peccado mortal; porque assim como o que dorme, naõ faz cousa de proveito, mais que o dormir, assim o que està em peccado mortal, naõ faz obra, que lhe aproveite para o Ceo: he tudo sem merecimento para diante de Deos. E chamaõse adormecidos os que exercitaõ o sono, deixando no tempo, em q estaõ dormindo, de usar de seus sentidos exteriores. E a todos estes olha Deos. Olha aos mortos, dando a cada hum delles o premio, ou castigo, que mereceraõ suas obras. Olha aos peccadores, para que tendo conta com tudo o que fazem, pedirlhaha depois pelo miudo. Olha aos que dormem, para defendellos dos demonios seus inimigos, que naõ lhes façaõ mal, nem damno. E assim olhou a sete mancebos Christaõs, defendendo-os de huma terrivel perseguiçaõ, que se levantou contra elles, e livrando-os della por meyo do sono, acordando-os depois de muitos annos, para que como testimunhas de vista podessem dar relaçaõ a outros Christaõs do que haviaõ padecido os passados. E assim faltando tyrannos, que os martyrizassem, elles de si mesmos fossem algozes, mortificandose, e fazendo obras penaes, e desta maneira fossem moradores entre Martyres. A historia deste acontecimento escreve Simeaõ Metaphraste, e refere-a Surio nesta maneira.

TEndo Decio o Romano Imperio, e indo à Cidade de Epheso, que he na Asia, fez ajuntar de toda a comarca gente nella, para que sacrificassem a seus falsos deoses. Muitos dos Christaõs, que a este tempo se achavaõ em Epheso, assim Sacerdotes, como leigos, se foraõ a diversas partes. Fez hum solemne sacrificio no meyo de certa praça; e vendo, que os Christaõs se tinhaõ ausentado, deitou pregaõ contra elles, para que os prendessem. Prenderaõ a muitos: e delles alguns atemorizados dos tormentos, com que os ameaçavaõ, vieraõ a arrenegar, e a offerecer sacrificio aos idolos, com grande sentimento, e pena de outros Christaõs, que o souberaõ, considerando, que por naõ perder estes miseraveis os corpos, perdiaõ as almas,

almas. Martyrizaraõse muitos dos que permaneceraõ na Fé de Jesu Christo, cujos corpos despedaçados deixavaõ pelas praças, e suas cabeças punhaõ em páos para atemorizar a outros. Succedeo, que sete mancebos Christaõs, filhos de pessoas principaes da Cidade, cujos nomes eraõ Maximiliano, Jamblico, Martinho, Joaõ, Dionysio, Exacustadio, e Antonio, ajuntandose em huma Igreja ao tempo, que Decio entendia em seus sacrificios, fizeraõ oraçaõ a Deos com muitas lagrimas e gemidos, pedindolhe se doesse de seus fieis. Foraõ alli vistos por alguns criados do Imperador, os quaes lhe deraõ noticia, como aquelles sete mancebos, sendo hum delles Maximiliano, filho do Presidente da mesma Cidade de Epheso, estavaõ orando na Igreja dos Christaõs. Mandou-os chamar, e perguntoulhe, porque naõ sacrificavaõ aos idolos. Elles responderaõ, que por estarem costumados a offerecerem sacrificio ao Senhor, que creou o Ceo e a terra, e naõ a idolos, que era cousa vã, e sua adoraçaõ damnosa para as almas. Mandou Decio sem mais lhe ouvir outra razaõ, que lhes tirassem os vestidos militares, que eraõ insignias de nobres, e os colares de ouro, que traziaõ a seus pescoços, deixando-os algum tempo, para que se deliberassem no que determinavaõ fazer; e se perseveravaõ em seu intento, matallos. Elles como viraõ o perigo, em que estavaõ, e que lhe davaõ liberdade por alguns dias, procuraraõ vender suas fazendas, e deraõ parte a pobres, e outra guardaraõ; e todos juntos se subiraõ a hum monte, e entraraõ em huma cóva, que estava nelle, com intençaõ de estarem alli, pedindo a Deos forças para soffrer os tormentos, que esperavaõ padecer, para sahir delles com vitoria. Chamavase o monte Ochlon. Perseveraraõ alli alguns dias. Deraõ cargo a hum delles, chamado Jamblico, que fosse á Cidade em traje de pobre mendicante a saber o que nella passava, e se dizia, e a comprar de comer para todos. Tinhase ido da Cidade o Imperador por alguns dias; e tornando a ella, tornou como de primeiro a martyrizar os Christaõs, executando nelles grandes cru-

 elda-

eldades. Vendo isto Jamblico, tendo comprado algum paõ se tornou á cóva, e contou o que passava na Cidade, e como os andavaõ buscando da parte do Imperador, para que ou sacrificassem, ou morressem. Ouvindo isto, foy grande o temor de todos. Choraraõ muitas lagrimas: pediraõ a Deos favor: exhortaraõse huns aos outros, que comessem do paõ, que Jamblico tinha trazido, para estarem mais dispostos na peleja. Assentaraõse no meyo da cóva, e estando fallando huns com os outros, ficaraõ adormecidos. Foy o Senhor servido, que o sono fosse nelles como huma nova maneira de morte para em algum tempo por elles mostrar suas maravilhas no mundo. Andava Decio muy solicito buscando aquelles sete mancebos illustres; e vendo, que naõ appareciaõ, chamou os pays de alguns delles, ameaçando-os, se naõ declaravaõ onde estavaõ: e por meyo delles veyo a entender, que se tinhaõ encerrado naquella cóva do monte Ochlon, perseverando em perder antes as vidas, que sacrificar. Agastouse disto Decio, e mandou ir gente, e que pozessem muitas pedras á porta da cóva, e os deixassem alli sepultados vivos. Tinha o Imperador em seu paço dous criados, chamados Theodoro, e Bardo: estes eraõ Christaõs de secreto. Pareceolhe que seria bem, para que a memoria dos sete Santos Martyres naõ se perdesse nos tempos futuros, e que se a cóva algum tempo se abrisse, e os corpos fossem descubertos, que tambem fosse notorio seu martyrio: para isto em humas pastas pequenas de chumbo escreveraõ todo o caso, como passara: e postas em huma caixa de metal, e della pendentes dous sellos, secretamente as pozeraõ entre aquellas pedras da porta da cóva. Morreo Decio, e passou toda aquella idade: e de huns Imperadores em outros veyo a ter o Imperio Theodosio, o segundo deste nome, que foy Catholico, e muy zelozo do serviço de Deos. Levantaraõse em seu tempo certos hereges, que eraõ do mesmo parecer, que entre os Judeos, os Saduceos, os quaes negavaõ a resurreiçaõ universal dos corpos. Sentio isto muito o Imperador Theodosio, e desejava que succedesse algum

novo

novo caso, em que estes miseraveis entendessem quaõ enganados hiaõ. Respondeo Deos a seu desejo. E foy assim: que sendo senhor daquelle monte, donde estava a cova dos sete Dormentes, hum Adolio, tendo muito gado, que apascentava por aquelles campos, quiz fazer hum curral, em que se recolhesse de noite; e para isto serviose das pedras, que estavaõ á porta da cova; e tirando humas, e outras, veyo a termos, que livremente se podia entrar, e sahir della. A este tempo o mesmo Senhor, que com huma voz resuscitou a Lazaro de quatro dias morto, despertou a estes sete mancebos, que havia duzentos annos, que dormiaõ. Acordados, sendo pela manhã, deraõse os bons dias huns aos outros, parecendolhe que só huma noite haviaõ dormido; porque nem em seus rostos, nem em seus vestidos havia mudança, mais que se hum dia só houvera passado por elles. Tornaraõ a tratar entre si da perseguiçaõ de Decio, enformandose de Jamblico do que antes lhe havia dito. Rogaraõlhe que tornasse á Cidade, e de novo se enformasse do q̃ passava. Deraõlhe dinheiro, para que comprasse de comer. Foy Jamblico a pôr em obra o que lhe era encarregado. Sahio da cova, e admirouse de ver tanta multidaõ de pedra, como estava alli junta, e o edificio começado, que elle naõ havia visto, quando entrou nella. Chegou á Cidade, e admirouse muito mais em ver huma Cruz posta sobre a porta. Cuidou em si, se seria engano do Imperador Decio para o segurar, que entrando por alli o prendessem. Foy a outra porta, e vio outra Cruz. Naõ sabia que dizer, senaõ se era aquella outra Cidade. Entrou dentro, e perguntou que Cidade era aquella. E responderaõlhe, que Epheso. Ouvio jurar em huma praça por Jesus Christo. Disse: Que he isto, hontem á tarde estava a Cruz pelas covas, e lugares encubertos por temor dos que a perseguiaõ, já hoje está ás portas da Cidade? Hontem davaõ tormento de morte ao que se chamava Christaõ, já hoje anda o nome de Christo em boca de todos pelas praças? Eu naõ devo de estar em mim, ou algum engano hà nesta Cidade: quero-me sahir della, ainda

que

que primeiro ſerá bem (diz) comprar paõ, e levallo aos que deixo encerrados na cova. Chegouſe a compralló, e ao tempo de dar o dinheiro, diſſe o vendedor : que moeda he eſta, que me dás? Eu a naõ conheço. Era de prata, e tinha a figura do Imperador Decio. Andou de maõ em maõ pelos que eſtavaõ na praça, e todos ſe vieraõ a reſumir, que aquelle homem eſtrangeiro, e em trajo de pobre mendicante devia de haver achado algum theſouro. Chegouſe a elle muita gente, e elle eſtava mais admirado de ver que o dia antes, a ſeu parecer, era conhecido de toda a Cidade, como peſſoa illuſtre, e já ninguem o conhecia. Olhava, ſe deſcobriria a ſeu pay, ou algum de ſeus irmaõs, e tudo era em vaõ. Veyo aos ouvidos do Governador da Cidade, o qual, permittindo-o Deos, eſtava a eſte tempo com o Biſpo da meſma Cidade de Epheſo, que ſe chamava Eſtefano. Mandou que lhe levaſſem diante de ſua preſença aquelle eſtrangeiro, e a moeda. E tanto que foy viſta pelo Governador, e Biſpo, conheceraõ que era do tempo do Imperador Decio. Perguntaraõ a Jamblico donde era, e quem lhe dera aquella moeda. Elle reſpondeo, que naquella Cidade naſcera, e nella tinha pay, e irmaõs. E a moeda (diz) naõ ſei de que vos eſpantais vendo-a, pois he a que corre neſta Cidade. Nomeou a ſeu pay, e irmaõs, e naõ houve quem os conheceſſe. O Governador lhe diſſe : Naõ he verdade o que dizes. Se aqui tiveras pay, e irmaõs, e foras naſcido neſta Cidade, algum te conhecera, e a moeda, duzentos annos, e mais ha que paſſou Decio, em cujo tempo ſe uſava. Naõ ſabia que dizer Jamblico. Olhava a huns, e a outros, e elles diziaõ: Doudo deve de ſer. Naõ he doudo, replicaraõ alguns, ſenaõ que finge ſelo, porque o naõ atormentem, para que deſcubra o theſouro, que achou, do qual tomou eſta moeda. Atormentemno, que elle confeſſará a verdade. Mandava-o levar ao carcere o Governador. Naõ ha para que me prendaõ, diſſe Jamblico, que eu direi toda a verdade. Perguntou : He vivo o Imperador Decio? O Biſpo lhe diſſe: Naõ ha, filho, em toda eſta terra quem nomêe a Decio.
Vinde

Vinde (diz Jamblico) comigo a huma cova, que está no monte Ochlon, e alli vereis outros seis homens, que vos diraõ, como eu digo, a verdade, que por fugir do Imperador Decio nos escondemos nella, a quem eu vi hontem á tarde entrar nesta Cidade, se he Epheso, porque eu naõ sey, se he ella. O Bispo crendo que alguma cousa lhe queria Deos revelar por meyo daquelle mancebo, disse: Vamos lá, e velohemos. Foraõ á cóva o Bispo, e Governador com outra muita gente principal da Cidade. E ao entrar o Bispo nella, por ordenança divina poz os olhos em parte, onde vio :. caixa de metal com os sellos, em que estava escrita toda a historia dos santos mancebos, que alli chamava Martyres. Abrio-a, e leo o que nella se continha, diante de todos os presentes, e foy grande sua admiraçaõ. Começaraõ a louvar a Deos, que havia feito tal milagre com aquelles seus servos. Entrando dentro na cóva, viraõnos a todos seis assentados, fallando entre si, e de seus rostos sahia grande resplandor. Deitaraõse a seus pés, fazendolhe grande acatamento. Entendeose delles tudo o que com Decio tinhaõ passado, conformando com o testimunho das pastas de chumbo, em que estava escrito o succedido. Mandou o Governador cartas ao Imperador Theodosio, dandolhe relaçaõ do que passava. Disto recebeo grande consolaçaõ Theodosio, por ser isto prova da verdade da ultima resurreiçaõ dos corpos contra os hereges, que naquelle tempo a negavaõ. Quiz ver com seus proprios olhos aquelles santos mancebos. Foy a Epheso, e entrou na cóva: fallou com elles, abraçando-os, e derramando muitas lagrimas de devoçaõ, porque a provocavaõ muy grande em qualquer, que olhava. Maximiliano hum delles disse ao Imperador: Por tua fé grande, e porque tornaste pela verdade contra os hereges, que negaõ o artigo de resurreiçaõ, Deos te concedeo estabilidade em teu Imperio, e te defenderá nelle de teus inimigos, se perseverares sempre em o servir. Folgou de ouvir isto o Imperador, e todos os que estavaõ presentes folgaraõ muito. Inclinaraõ os gloriosos santos mancebos suas cabeças

em

em terra, fazendo oraçaõ, e desta maneira deraõ a Deos suas almas. Mandou o Imperador pôr seus corpos em sete arcas, e por ter revelaçaõ dos mesmos Santos a seguinte noite, os deixou naquella cova. Estefano, o Bispo de Epheso, ajuntando seus Clerigos, mandou que se celebrasse dia festival destes Santos no mesmo de sua morte, que foy a vinte e sete dias do mez de Julho, sendo Imperador o já nomeado Theodosio segundo pelos annos do Senhor de quatrocentos e cincoenta. Paulo Diacono no livro primeiro capitulo 3. da Historia dos Longobardos diz, que nas ultimas partes de Alemanha á parte Equinocial ao longo do mar Oceano está huma cóva debaixo de huma grande pedra, e dentro nella sete homens dormindo, que os podem ver todos os que querem. Naõ se sabe quem saõ, nem quando alli vieraõ. Estaõ saõs, e de bom parecer, e os vestidos sem defeito algum ao modo antigo dos Christaõs Romanos. Quiz hum estrangeiro daquella naçaõ, que entrou alli para os ver, com huma tocha queimar a hum delles a maõ para o fazer espertar, e ficoulhe a sua seca com o braço. Presumese, que os tem alli Deos, para que em algum tempo preguem áquella gente, que for infiel. Diogenes Laercio escreve de Epimenides Filosofo Cretense, que hia ao campo levar huma ovelha por mandado de seu pay Phestio, e fazendo calma, se meteo em huma cóva a dormir, e esteve dormindo cincoenta e sete annos. Sahio depois, e admirado que a ninguem conhecia, foy a sua casa; onde hum irmaõ seu muito velho o conheceo. Tinhaõno depois como por cousa santa os da sua terra. O Martyrologio Romano faz mençaõ destes Santos, e chamalhe Maximiano, Malcho, Martiniano, Dionisio, Joaõ, Serapiaõ, e Constantino. Escreveo delles Gregorio Turonense de gloria Martyrum liv. 3. cap. 95. E tambem Nicephoro liv. 14. cap. 45. E ha se de advertir, que estes Autores dizem, que dormiraõ 372. anos. Mas sendo Imperador Theodosio o II. como sinalaõ o Metaphraste, e Nicephoro, que ao tempo, que acordaraõ, sós duzentos annos se ha de dizer, que dormiraõ, porque tantos passaraõ entre estes Imperadores.

F I M.